

CORREIO POLÍTICO

POR
RUDOLFO LAGO

Valter Campanato/Agência Brasil



Como com Lula, bolsonaristas na frente da sede da PF

Bolsonaro fará política da prisão, como Lula em 2018?

Já usamos essa imagem por aqui. A relação entre o ex-presidente Jair Bolsonaro e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lembram muito um mito do folclore alemão: o “doppelgänger”, ou “duplo andante”. Por essa mitologia, todos nós teríamos uma cópia espectral, com todas as nossas características ao avesso. Se alguém é intensamente bom, seu “doppelgänger” será totalmente mau. E assim por diante. Dizem que se alguém se encontrar com seu “duplo andante” terá má sorte. Em termos políticos, em muitos momentos Bolsonaro parece fazer essa cópia ao inverso, essa imagem espelhada de Lula. Quem é bom ou mau nessa história, fica para cada torcida. Preso agora, Bolsonaro novamente parece espelhar a experiência de Lula.

Heleno

Nesse sentido, em nada ajudou o general Augusto Heleno apresentar laudos dizendo que tem Alzheimer desde 2018. Significa dizer que, durante todo o governo, Bolsonaro entregou a alguém com problemas de senilidade o comando da inteligência do país.

Condução

Pauderney imagina um quadro no qual Bolsonaro, como fez Lula, receba interlocutores na prisão e, dessa forma, oriente o processo de escolha do candidato da oposição que irá concorrer às eleições de 2026. No desejo, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas.



Lula vendeu uma imagem de saúde quando deixou a prisão

Lula passou imagem de força. Bolsonaro a de frágil

Mas o problema, talvez, para essa expectativa de Pauderney Avelino, esteja exatamente no fato de que a cópia é um espelho. Lembra ao Correio Político um aliado de Lula que o tempo todo ele tratou de demonstrar na prisão uma preocupação com sua saúde física. Pediu, por exemplo, para que fosse instalada na sala em que ficou

uma esteira ergométrica. Quando saiu, posou para a foto que ficou famosa vestindo uma sunga, para mostrar seu preparo físico perto dos 80 anos. Aos 70 anos, porém, Bolsonaro passa na prisão um quadro de debilidade física. Tem crise de soluços. Afirma ter tentado abrir sua tornezeleira em meio a um surto.

Prisão

Como primeiro aspecto desse espelhamento, Alexandre de Moraes tratou de colocar Bolsonaro numa sala de Estado Maior na sede da Polícia Federal, em Brasília, com características bem semelhantes daquela em que Lula ficou preso em Curitiba.

Política

Experiente integrante do Centrão, o deputado Pauderney Avelino (União Brasil-AM), disse agora esperar que Bolsonaro, da sede da PF em Brasília, aja politicamente da mesma forma como fez Lula em 2018, da sede da PF em Curitiba: conduza de lá o processo político.

Sem a família

No desejo de Pauderney, sem nenhum integrante da família na chapa de Tarcísio. Ou seja, o mundo dos sonhos do Centrão. O apoio para obter os votos bolsonaristas, sem o cabresto. Algo que o vereador Carlos Bolsonaro (PL) reage como sendo “a entrega do espólio”

Saúde

Há, portanto, de saída uma resistência do clã. Mas tudo pode se agravar com a questão da saúde, como já dissemos por aqui. A calibragem errada desse processo fará Bolsonaro perder as condições de liderar qualquer processo, por falta de confiança que venha a passar.

Ricardo Stuckert

Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Lira cumprimenta seu adversário Renan Calheiros

Lira ocupa espaço e se aproxima do governo

Principal guru de Hugo Motta, ex-presidente da Câmara ensaia caminho oposto

Aliados do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dizem que o ex-presidente da Câmara Arthur Lira (PP-AL) demonstrou nesta quarta-feira (26) que pode atuar como um dos principais interlocutores do Palácio do Planalto no Congresso, num momento de tensão com a cúpula do Legislativo.

Lira teve protagonismo na cerimônia de sanção da isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil, já que foi relator da proposta na Câmara, e discursou no evento, considerado um dos principais atos políticos da gestão Lula 3. Os presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), foram convidados, mas não compareceram, num recado de insatisfação da relação com o governo.

A avaliação de aliados do presidente da República é que Lira demonstrou que se cacifa para ser um interlocutor do Palácio e sai fortalecido do evento, num momento de estremecimento com Motta e queixas da atuação do deputado à frente da Câmara.

Nesse cenário, dizem interlocutores de Motta, não havia clima para que ele comparecesse à cerimônia. Na ausência do parlamentar, Lira teve destaque. Ele fez uma fala com elogios ao presidente da República e a integrantes do governo, como a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, e pregou o diálogo. Ele começou o discurso parabenizando o petista pela sanção da norma e dizendo que

teve “a honra” de conviver com ele nos últimos dois anos, enquanto esteve à frente da Câmara.

“Tivemos e temos a relação institucional mais próspera, correta, tranquila e sempre institucional voltada ao equilíbrio das votações importantes para o Brasil”, disse Lira. Em seguida, afirmou que é sempre “um prazer” para os dirigentes quando eles conseguem “honrar compromissos de campanha da forma como foram feitos”.

Ruim para Motta

Para um presidente de partido do centrão, o espaço ocupado por Lira nesta quarta é algo negativo para Motta, que acaba ofuscado. Por outro lado, ele ressalta que o presidente da Casa tem apoio e respeito entre os deputados.

Interlocutores de Motta minimizam a ausência do parlamentar no evento e eventual disputa de protagonismo com Lira. Um aliado dele diz que Motta conversou com Lira mais cedo nesta quarta para informar que não participaria da cerimônia e que ele estava ciente que o ex-presidente da Câmara faria um discurso na ocasião.

Motta foi eleito presidente da Câmara em fevereiro, numa costura capitaneada por Lira, que contou com apoio quase majoritário dos partidos na Casa. De lá para cá, no entanto, houve um estremecimento na relação dos dois políticos.

Victoria Azevedo, com colaboração de Carolina Linhares (Folhapress)